



Para analistas estrangeiros, crise compromete o futuro

Economistas temem cenário político caótico e queda de 'commodities'

Por Lucianne Carneiro, 20/03/2016

RIO - De um lado, a crise política. Do outro, a economia em recessão, sob influência da queda dos preços de commodities. Ambos os aspectos tendem a comprometer o futuro do país, na avaliação de dois economistas estrangeiros que acompanham a economia brasileira e de emergentes

Professor da American University e ex-economista-chefe de Mercados Emergentes do ABN Amro, Arturo Porzecanski diz que o Brasil vive “um ambiente de doença” e que a atual crise é a pior que o país já viveu nas últimas décadas, inclusive que a de 2002. Na sua avaliação, o cenário atual não permite planejamento a longo prazo e a nomeação do ex-presidente Lula como ministro significou que a presidente Dilma Rousseff “dobrou as apostas”. “Ou vão os dois para o inferno ou para o céu, não há opção”, diz.

Já o chefe de Mercados Emergentes do Morgan Stanley Investment Management, Ruchir Sharma, avalia que a mudança política não é suficiente para resolver a crise. Para ele, a frustração e o ódio vistos nas ruas nos últimos dias refletem os efeitos da recessão. Ele não vê perspectiva de crescimento para o país num horizonte de cinco a dez anos. O motivo é a grande dependência dos preços de *commodities*

Planejamento só quando acabar ciclo vicioso



Professor da American University e ex-economista-chefe de Mercados Emergentes do ABN Amro diz que Brasil vive pessimismo generalizado.

Como vê a situação do Brasil hoje?

Há um panorama geral dos emergentes não muito positivo, mas é fácil exagerar o pessimismo no caso do Brasil. Se as coisas vão bem, o investidor fica otimista, e não há ambiente para o pessimismo se estabelecer. Mas quando a corrente vai levando os emergentes, toda notícia negativa tem mais impacto porque alimenta o pessimismo. No Brasil, a situação está cada dia pior. É um ambiente de doença.

É mais grave que a dos demais emergentes?

Claro. Outras nações, como Chile, Peru e Colômbia, sofreram com câmbio, Bolsa e dívida, mas não tiveram uma crise própria. Então é um ajuste que não é acompanhado por um pessimismo generalizado que se retroalimenta. Veja a Argentina, onde uma mudança de governo levou a um aumento dos papéis mesmo nesse contexto mundial. No caso do Brasil, não tem notícias boas.

Há risco de fuga de investidores?

Isso já ocorreu. Se o câmbio já está mais perto de R\$ 4 que de R\$ 2, alguém fugiu. Se tivemos queda da Bolsa, por definição já ocorreu a fuga. A questão é se já passamos pelos piores momentos. Podemos imaginar o dólar a R\$ 5? Não é minha opinião, mas o que se percebe no mercado é que, se a Dilma ficar, o dólar pode ir a R\$ 5. O humor do mercado importa porque tende a exagerar as coisas ruins e desvalorizar as boas.

O país já viveu momentos de crise como essa?

Certamente o Brasil teve momentos muito ruins na época do Collor, do Sarney... Nos anos 60,70, 80 e 90. Só que, naquela época, o Brasil não estava tão interconectado com o resto do mundo. Havia, principalmente, o investimento das multinacionais, que podiam não reinvestir, mas não iam embora. Nos últimos anos, as nações se interconectaram de fato. Bolsa, dívidas, derivativos, tudo se globalizou tanto que a consequência é maior. Hoje, a crise tem maiores consequências. Tem investidores de todo o mundo fazendo todo tipo de investimento, ou não fazendo.

E frente a 2002?

A crise, agora, é bem pior. Naquela época, a herança de Fernando Henrique Cardoso era boa. Ele tinha acabado com a inflação, resolvido a questão da dívida externa e promovido as privatizações, liberalizado a economia. A herança que Lula recebeu era boa. E ele teve a chance de conservar as reformas de seu antecessor ou de jogar tudo pela janela. Naquela época, a pergunta era se faria uma mudança radical. E Lula deu a luz verde de um ajuste e tranquilizou todo mundo. Agora, a herança é horrível. Já no segundo mandato de Lula e, principalmente, no primeiro da Dilma as regras do jogo mudaram para pior. Houve aumento do intervencionismo estatal em tudo, veio uma nova estratégia desenvolvimentista.... A herança é pesada, obviamente. Esse Banco Central é do Arminio (Fraga), esse BC perdeu sua credibilidade. E isso não foi apenas no último ano, mas nos últimos quatro, cinco anos. Hoje, as instituições do Estado não têm a credibilidade, a munição, o fôlego e a capacidade para fazer uma política anticíclica. É bem complexo. Dilma teve, no início do segundo mandato, uma chance com (Joaquim) Levy de dar uma volta total, mas não fez. Ao mesmo tempo, a corrupção explodiu, como se viu na Operação Lava-Jato. Dilma decidiu atar seu destino ao de Lula e dobrou as apostas. Ou vão os dois para o inferno ou para o céu, não há opção. A opção de empurrar com a barriga morreu.

O impeachment ficou mais provável?

Há um mês, a impressão era de o mercado estava considerando o impeachment, mas avaliando que Dilma não seria forçada a sair. Agora, como dobrou a aposta, pode ser mais complicado. A

ida de Lula para o ministério foi uma aposta muito arriscada. Foi como se dissesse que o Brasil não tem o problema do vírus zika e deixasse o mosquito livre. Foi como abrir a janela para o mosquito do zika.

O senhor acredita que o atual governo tem capacidade de governar?

O que sinto de longe é que a situação não pode continuar como está. A economia vai ficar em recessão, a inflação vai ficar alta, a moeda e outros ativos vão continuar pressionados... Essa paralisia é muito ruim. A herança é muito importante. Se a situação vai bem e não se faz nada, é uma coisa. Mas se vai de pior a pior e não se faz nada, é outra. A Dilma é como a capitã de um navio. Se está entrando muita água no navio, quem vai querer esse capitão no navio? O Brasil precisa de mudanças importantes na política e na economia. Dilma teve a chance, no ano passado, de fazer as coisas de forma diferente, mas perdeu a chance e o controle da situação. A decisão dos últimos dias revela que ela se preocupa mais com a situação política do PT e de seu querido Lula do que a do país. Isso ficou bem claro.

Um outro governo teria condições de governabilidade?

Se o processo é legítimo, o povo está pronto a abrir as portas a outra liderança. É muito difícil agora a Dilma dizer: “Agora sou a nova Dilma, vou fazer tudo certo”.

Qual é sua perspectiva para o Brasil a longo prazo?

Numa situação como agora, não dá para falar a longo prazo, está todo mundo só olhando o dia após dia, não tem perspectivas. Qualquer coisa pode acontecer nos próximos meses. O Brasil perdeu o grau de investimento, não teve as mudanças necessárias, a recessão continua, o desemprego está aumentando e a inflação continua alta. Só é possível fazer planejamento de longo prazo quando acabar o ciclo vicioso e começar o virtuoso. Hoje, a reação é apenas de curtíssimo prazo.

<http://oglobo.globo.com/economia/para-analistas-estrangeiros-crise-compromete-futuro-18918919#ixzz43SWfZaca>